

SESSENTA SEGUNDOS DE VIDA

Autor: Arthur G. Nogueira – aluno do 6° B em 2025.

- Você só tem sessenta segundos de vida!

- Do que você está falando? Seu doido!

Isso parecia impossível de explicar, mas... as previsões não mentem! Como ninguém acreditava, o jovem homem decidiu aproveitar seu último minuto de vida.

Nos primeiros dez segundos o homem se declarou para o amor da sua vida!

Nos vinte segundos, roubou bebidas no seu bar favorito!

Mas nos 30 segundos ele se toca que não dá para fazer tudo o que queria em um minuto!

E nos quarenta segundos começa a ter um ataque de pânico!

Depois, o homem perde a noção do tempo e acaba se matando durante um ataque de desespero.

(Uma) Análise do Conto

É no ensino de Jacques Lacan que encontramos a afirmação segundo a qual, na vida, “cada um alcança a verdade que é capaz de suportar”. Transpondo essa afirmação para o campo da possibilidade de leitura do texto literário, concebido como arte, começo a presente análise abordando a relatividade de algumas verdades de leitura por dois motivos: 1° - um texto literário deve manter, como um de seus traços, um espaço para que nele o leitor, ao seu modo, circule livremente; 2° - a leitura que visa vedar os espaços interpretativos afronta os percursos de leitura e a singularidade do encontro entre texto e leitor.

Longe de querer apresentar a última palavra sobre o conto “Sessenta Segundos de Vida”, convido o leitor a (re)fazer seu próprio trajeto na tessitura do conto escrito pelo estudante Arthur G. Nogueira, matriculado no 6° ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. O texto foi produzido na aula de Literatura ocorrida em 1° de dezembro de 2025 e

integra um conjunto de produções que concorreram ao Concurso de Contos das turmas de sexto ano.

O que apresento a seguir são provocações vetoriais que visam instigar o leitor que escolheu desfiar-se pelo labirinto de palavras. Como uma primeira direção aponto, no início do conto, a enunciação abrupta: “você só tem sessenta segundos de vida!”. Sabemos que por sermos seres vivos, infelizmente, estamos fadados à morte, mas a indeterminação sobre a ocorrência desse momento, ajuda-nos a server a existência e atravessá-la tornando, na medida do possível, o percurso seja mais importante que sua finalização, cujo enigma nos endereça para o existir.

Toda a nossa “potência de vida”, conforme nos ensina o filósofo Friedrich Nietzsche, enquanto “vontade de potência” é o que nos permite, ao estarmos vivos, construir uma história demarcada em uma conjuntura cultural e civilizatória. É exatamente a condição de finitude que nos impulsiona a sustentar uma caminhada existencial e, é nessa caminhada existencial, que nossa capacidade de criar, por vezes, pode propiciar deslocamentos em relação ao passado e a construção de novas heranças simbólicas para o futuro.

Há 59 anos foi realizado o primeiro transplante de coração. Há 98 anos surgiam os primeiros antibióticos – esses são dois dentre centenas de outros exemplos que nos mostram a importância civilizatória de acreditar na vida e por meio do viver, imaginar e produzir inter(in)venções que podem constituíram-se como legados para as próximas gerações. A nossa história prova que a humanidade é capaz de criar tragédias, mas ela também tem uma enorme potência para reagir a elas fazendo nascer algo novo, bem como, é claro, evitá-las.

Ao traçar um enigma que convida o leitor a se perder entre palavras visando deslocar sentidos sobre sua própria vida e localizar-se em sua relação com o(s) outro(s), o conto nos provoca pensar na dimensão das verdades que construímos sobre nós mesmos a partir dos enunciados e enunciações que são produzidos a nosso respeito ou sobre nossos pertencimentos. Quem é você a partir do que os outros disseram sobre si? O que o outro pode tornar-se a partir daquilo que você diz sobre ele? Quais os limites, ao existir, preciso impor ao(s) outro(s)?

O conto não é só sobre determinarmos ou não, mesmo que simbolicamente, os limites da nossa existência e da existência alheia. Ele é também sobre o extremo de abrir mão de si pelo outro, ou ainda, sobre o poder de como os nossos desejos e escolhas incidem no campo não apenas da nossa vida, mas também, na trajetória do(s) outro(s) criando cenas, situações e decisões que podem ter potência de vida ou morte, que seja em seus sentidos simbólicos e metafóricos.

Embora o personagem, que se expressa na primeira linha do texto, seja adjetivado como “louco” e que as “previsões” sejam tidas como textos que “não mentem” e ainda como algo em que “ninguém acredita” o personagem principal declara seu potencial de amar, mas reduz sua própria existência à verdade do outro sobre si, cedendo toda a sua potência de existir, amar e ser amado e enquanto “jovem homem” caminha para uma abreviação de sua própria trajetória.

A redução dos personagens nos convida a refletir sobre a solidão na modernidade e a respeito dos modos pelos quais o isolamento tem constituído um verdadeiro problema de saúde pública. A ausência de diálogo sobre o cotidiano, por exemplo, limita a capacidade do personagem em seus usos de linguagem como forma de (re)elaboração da própria existência. Falando e escutando, pensamos, construímos, desconstruímos e sonhamos – diferente do nosso personagem principal, que literalmente colocou seu corpo ao que um outro determinou sobre sua existência sem a possibilidade de ponderar, desacreditar ou cogitar outras possibilidades.

O que aconteceria com o personagem principal do conto caso o mesmo escolhesse desconfiar da previsão? Ao desconfiar da previsão, ele não poderia viver seu amor? O que aconteceu com o autor da previsão após tê-la feito? Quais os limites entre uma finitude biológica e uma finitude simbólica declarada por nós enquanto ainda estamos vivos? Há mortos vivos? Há vivos mortos? De que modo experienciamos a possibilidade de sermos protagonistas da nossa própria existência?

Nós provavelmente não faremos tudo que queremos ao existir, mas ao viver, tocamos e somos tocados pelo inesperado e é nesse intervalo que também podem emergir coisas boas na nossa existência. Viver não é só sobre sofrer, é também sobre forjar alegrias e não reduzir nossa trajetória a fatalismos que cabem a nós tentar subverter. Temos aqui, mais uma vez, a ficção imitando a realidade de alguém isolado e solitário que não compartilhou sua angústia, que foi engolido por uma dor irrompe em sua existência e que, mesmo amando e declarando seu amor, escolheu abrir mão de si.

Viver é um risco que vale a pena correr!